

El andamiaje retórico de género: una deliberación sobre la cultura institucional de la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, México (2008-2012)

A retórica andaimes de gênero: uma discussão sobre a cultura institucional da Universidade Autônoma de Ciudad Juarez, México (2008-2012)

Clara Eugenia Rojas Blanco

Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, México

crojas@uacj.mx

Resumen

En este artículo presento una versión sucinta de una investigación amplia de corte cualitativo-interpretativa centrada en el análisis de la estructura simbólica de género en la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ), México. En esta versión ofrezco una deliberación centrada en un análisis de la formación persuasiva/discursiva en donde examiné el proceso retórico que reproduce y recrea la relación entre el poder y el género. Los hallazgos más significativos muestran un proceso de normalización del género en las prácticas discursivas de los y las participantes. Argumento que la cultura generizada de la institución no permite la transversalización de la perspectiva género, porque las creencias y prácticas androcéntricas en la institución no se reconocen, por los y las agentes de la comunidad universitaria, como prácticas sexistas.

Palabras clave: cultura de género, educación superior, crítica feminista, Universidad Autónoma de Ciudad Juárez.

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma breve versão de uma extensa investigação de corte qualitativo-interpretativa focada na análise da estrutura simbólica de gênero na Universidade Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ), México. Nesta versão eu ofereço uma discussão centrada na análise de formação persuasiva / discursiva na qual eu examinei o processo de retórica que reproduz e recria a relação entre poder e de gênero. Os resultados mais significativos mostram um processo de normalização de gênero nas práticas discursivas dos participantes. Argumento de que a cultura de gênero da instituição não permite a transversalización da perspectiva do género, porque as crenças e práticas da instituição androcêntricas não são reconhecidos pelos agentes e da comunidade universitária, como práticas sexistas.

Palavras-chave: cultura de gênero, educação superior, a crítica feminista, da Universidade Autónoma de Ciudad Juarez.

Fecha Recepción: Enero 2015 **Fecha Aceptación:** Julio 2015

Introdução

Neste artigo eu apresento uma discussão em torno ideologia de gênero como um andaime simbólico e re-articulado cultura de gênero institucional da Universidade Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ). Neste sentido, está subjacente o desejo de abrir um processo de reflexão sobre as implicações que teve e tem-para mulheres e homens UACJ, a nível pessoal e político para a faculdade de pensar a partir de uma visão androcêntrica. Além disso, este texto responde ao meu interesse como uma acadêmica feminista, contribuindo conhecimento a partir de um conjunto UACJ e Ciudad Juarez, reflexões conversação promovidas pelas feministas interessadas em expor, documentar e analisar a questão da cultura de gênero das Instituições Ensino Superior (IES), no México (Palomar, 2004, 2011; Buquet, 2011 ; Buquet e Monroe Cooper et al, 2006; Munévar D. e M. Villaseñor, 2005).

O texto dá conta principalmente o lado afetivo da cultura androcêntrica. Apesar de não ser uma análise das emoções em si, o foco da crítica feminista retórica realiza a "retórica de conflito moral" com que as mulheres confrontar o poder em uma cultura cara centrada no homem, principalmente feministas (Campbell, 2001, p. 198). No centro eu apresento uma análise qualitativa-interpretativa onde eu examinar um momento histórico em que uma junta ou o que eu chamo de "crise de gênero" que me permite ver e ouvir a cultura de gênero em UACJ ocorre.

Esse tempo foi moldando para o final de 2009, quando o UACJ administração incumbente (2006-2012), que declara abertamente interessado em obter a certificação da igualdade de gênero promovido e premiado pelo Instituto Nacional de Mulheres (INMUJERES) . Paradoxalmente, esta decisão coincide com o fato de que, em 2010, conseguiu financiamento concedido pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONACYT) para estudar a cultura de gênero na instituição, que envolveu professores e alunos da instituição.

A reunião cíclico destes dois projectos, um oficial e um feminista produz uma contradição de onde eu era capaz de observar e reprodução de documentos e recreação de poder de gênero, principalmente simbolicamente. O exercício deste poder é incorporada em um grupo de agentes que representavam a hierarquia institucional, que "falava" principalmente através da retórica do silêncio. Esta retórica é formado por um conjunto de metáforas voz e silêncio, onde o último trabalhou como faces da mesma moeda, constituindo assim uma minimização sustentado e exclusão no discurso. Neste processo, investigando e, enquanto o projeto simbolicamente foram desqualificados, projeto oficial turva e desconexa.

A partir dos resultados que eu inventei a metáfora do "gênero andaimes retórico" como uma ferramenta padrão qualitativo profundamente útil para observar a estrutura androcêntrica que só pode ser visto em conjunturas. Assim, com o tempo, espaço ou lugar específico está configurado e se comportar de uma maneira, e em outro momento desaparece e re-estruturados de forma diferente. Neste sentido, refere-se à dificuldade de nomenclatura e terrestres processos discursivos que sustentam o gênero sutil, evasivo ou ambíguo como uma relação de presença de poder simbólico. Rearticulação Permanente torna poder escorregadio e multifacetado; é discursiva (em sentido amplo, não só linguística), mas, nessa medida, é performativo (Butler, 1998, 1992; Austin, 1962). Assim, a retórica do silêncio leva a função performativa de silêncio, enquanto estrutura e apoia a re-criação do que eu chamo de andaimes retórico gênero.

Eu acredito que em todos os processo dialético várias situações retóricas (Biesecker, 1989) ou processos de deliberação pública, que cristalizou a base ideológica das contradições e tensões e ações que expõem oposição, neste caso, processos de normalização ocorrer do gênero. Oportunidades também são possíveis de produzir discursos contra-hegemônicos. Sob as circunstâncias, em situações de conflito ou crise nas áreas públicas -Sempre si generizadas-, você pode ver, ouvir e sentir como a estrutura de gênero seja incorporada em homens e mulheres.

Seguindo Gramsci (1985), uma crise ou contradição sociais (neste caso, na universidade como uma esfera pública) não é um evento extraordinário, mas parte de um processo complexo histórico-social que se manifesta de maneiras diferentes, lugares, tempos e espaços, onde os efeitos e as causas estão interligadas e não podem estabelecer o ponto de origem ou criação. No momento em que se torna visível é apenas uma manifestação estridente errônea e tendenciosa é identificado como a fonte. Neste caso, o processo histórico que se manifestou em UACJ. Como em outros momentos históricos das mulheres Juarez em sua reunião com o sistema patriarcal (por exemplo, o femicídio), eu acredito que o gênero crise na UACJ encarna a normalização do sistema sexo-gênero como parte integrante da cultura institucional e que se manifesta através das práticas discursivas androcêntricos em termos ontológicos e epistemológicos.

Esclareço que, embora essa cultura não representa todos os homens na faculdade, todos são mais propensos a ser favorecido antes das mulheres. A cultura androcêntrica é sempre articulado com outros sistemas de dominação, tais como, entre outros, classismo e racismo. Neste sentido, Connell (1995) argumenta que as instituições são constituídas por ideologia de gênero. Ele diz que, mesmo quando o gênero não é uma característica proeminente em certas circunstâncias, a sua presença está implícito no androcentrismo de muitas instituições onde não só os homens, mas também mulheres são cúmplices através da sua participação regular e diferenciado em suas comunidades prática privada.

Considerações teóricas

Teorias pós-estruturalistas feministas têm contribuído significativamente para a descrição / compreensão da complexidade dos mecanismos discursivos que ajudam a re-produção de relações

de poder de gênero em sistemas específicos e contextos sociais caminho. Estas abordagens reconhecer que, embora a estrutura de tecido, como um sistema de dominação permanece presente explicitamente (violência física, a exclusão das mulheres nos espaços políticos, assédio sexual e difamação pública de mulheres, etc.), nas sociedades contemporâneas são re- Ela produz e reforça de forma mais sutil, que aparecem como formas aparentemente inocentes de poder que são iminentemente discursiva ou simbólica (Lazar, 2005).

A crítica feminista da retórica tem como ponto de partida a valorização e reconhecimento das mulheres como agentes políticos capazes de falar e escrever na sua própria voz nas esferas públicas e políticas. Eles também levantam a necessidade de reestruturar as estratégias retóricas e táticas que historicamente têm servido para apoiar e justificar a cultura patriarcal (Foss, Foss & Griffin, 1999; Foss, 1996; Condit, 1997; Campbell, 2001). Dentro deste quadro, o discurso retórico ou retórica, como é chamado comumente entendido como uma ação simbólica e como uma parte intrínseca da comunicação humana. É um discurso deliberada, cuja característica principal usando processos contexto discursivo-como de costume persuasivas e espaços públicos. Assim tem sido e é uma parte inevitável da construção e negociação de relações de poder em toda a interação social. Historicamente tem sido reconhecido como demagogia ou conversa fiada, mas e estudiosos da retórica contemporânea compreendê-lo grupos hegemônicos braço como simbólico para racionalizar ou justificar o seu direito de nomeação, colocação, excluir, tortura, invadir e empobrecer vasto partes da população no mundo. A este respeito, Gill e Wedbee (2001) afirmam que estes estudos são caracterizados por:

...a explicação da interação dinâmica entre um texto retórico e contexto, ou seja, a maneira em que um texto reforça, alterar ou responder às vistas de um tecido pública ou social da comunidade ... crítica retórica responde a critério contemporânea que estruturas ou sistemas de ordem discurso linguísticas e dar sentido à experiência humana (p. 236).

Neste quadro, e estudiosos dos processos contemporâneos postulado retórica que é necessário estudar a retórica e processo de ação simbólica, a fim de explicar como os símbolos, palavras, imagens, sinais, música e organismos operam para formar nossa percepção da realidade, e

convidam-nos a agir em desacordo. Em estudos de retórica contemporânea que se destina a indivíduos / OS e múltiplos mediadores, em conflito, que consistem em várias formações discursivas e posições de sujeito. Nesse sentido, a retórica é constituído por uma complexa interação entre o remetente, a mensagem / público / situação / mudança, em um determinado ponto no espaço (McGee, 2009).

Então, quando nos referimos à retórica das mulheres, que língua que estamos falando? Que consequências sociais, políticas e econômicas nos trouxe para entender nossas experiências, a nossa identidade coletiva e nossas ações a partir da retórica da linguagem ou outro? Como tem influenciado ideologia de gênero na forma como usamos ou não-mulheres retórica? De lá, os estudiosos de práticas protestos retóricos para os direitos das mulheres expostas (dentro e fora da academia) que poderiam falar ou escrever em público ou politicamente, que não é, e como cada um afeta o ethos que para ser ou não ouvido / as (Condit, Campbell, 2001; Ede e Lunsford, 1995, 1984; Foss, Foss e Griffin, 1996; Biesecker, 1989).

Nas sociedades contemporâneas e recria ocorre em formas mais sutis, que aparecem como formas aparentemente inocentes de poder, discursiva ou simbólica breve. Lazar (2005) afirma que essas formas de energia são incorporados e dispersos redes de relações, processos de auto-regulação que atuam tanto nos processos de subjetivação, como subjugação. A este respeito, ele disse que, mesmo se aceitarmos a idéia de Foucault que "o poder está em toda parte", devemos salientar que eus gênero e são afetadas / os de forma muito diferente, dependendo de sua posição nesses relacionamentos gênero, raça, classe, nação, etnia, entre outros cargos socialmente construída (pp. 3-8).

Especificamente, as metáforas de silêncio e silenciamento significaria a exclusão das mulheres da produção cultural ea ausência de perspectivas com base nas experiências de mulheres de tradições culturais e disciplina tradicional. No entanto, se entendermos o silêncio exclusivamente em termos de opostos-voz, voz e barulho, calor, nós limitamos nossa discussão para o discurso ou voz e fatores exclusivo para a inclusão ou exclusão. Por exemplo, se o único problema foi o fato de que as mulheres "não têm voz" ou nossa história "de ter sido eliminada" solução aparente seria localizado apenas em um aumento de nossa participação através de vozes mais fortes e positivas,

bem como a capacidade de acessar as estruturas produtoras de saber se matricular na história legitimada pelos grupos no poder (De Vault, 1999). Portanto, o estudo de silêncio sociopolítica deve considerar como relações (re) produzir sociais a voz eo silêncio e como (re) intencionalmente ou não articuladas discursos hegemônicos.

Nesta situação, é necessário não só expor, mas para dismantelar os mecanismos de silenciamento, censura e teorizándolos visibilizándolos desvalorização, re-nomeação e repensar novas formas de fazer política para expor, mas também perturbar os interesses políticos que os apoiam . Neste sentido, Clair (2002) afirma que, embora politicamente falando, "uma voz" carrega o potencial de mudança, nem sempre ter voz está relacionada com a possibilidade de resistência ou emancipação. Ele argumenta que, "... às vezes a metáfora aparece voz desencarnada e ineficaz ... obriga-nos a questionar como falamos de outro condições / os e para que finalidade o que fazemos. Lembra-nos que as práticas discursivas são sempre imerso em condições e práticas materiais específicos ... você pode silenciar a voz eo silêncio pode falar (p. 177). Em seguida, o possível significado depende não só da sua re cíclico / conjunta em determinadas circunstâncias sócio-políticas, mas outros fatores, como o reconhecimento, prestígio e capacidade dos agentes / os envolvidas / os. Esses fatores, por sua vez dependente socialmente construídas e atribuídas às pessoas envolvidas de acordo com diferentes posições da identidade assunto.

Considerações metodológicas

A metodologia é informada pelos princípios da epistemologia feminista, a reflexividade de que a demanda antes e durante o processo metodológico, não só sobre os aspectos técnicos, mas em termos das implicações éticas entre o pesquisador e ou participantes / OS. Enquanto a ênfase na característica da situação de muito do que é considerado conhecimento, o relativismo epistemológico não é aceite. Aceitando o conhecimento como situado, não é o mesmo que dizer que todas as perspectivas são válidas ou "true". O que importa em um ponto ou de consciência situacional é que permite a perguntas específicas sobre contextos específicos, e são difíceis de enquadrar em epistemologias que consideram gênero, as emoções, a subjetividade ea situação ou ele sabe é irrelevante para conhecimento (Harding, 2002; Alcoff, 1992; Alcoff & Potter, 1993; HARAWAY, 1988).

Aqui eu apresento conhecimento localizada no tempo, lugar e espaço, como é o UACJ, que pode ou não pode estar relacionada com outras experiências em outros contextos de ensino superior. A primeira parte da análise inclui um corpus de conversas obtidas através de comunicação pessoal entre as pesquisas de seis parceiros (três homens e três mulheres) que ocupam ou ocuparam posições na hierarquia ou perto do ninho. Estas comunicações do documentada tanto através da observação participante e anotações de campo ou registro. A questão-chave foi focada em documentar porque, de acordo com os interlocutores ea equipe manteve o silêncio e do projeto de pesquisa? Por ordem de quem?

Na segunda parte, por razões de espaço, apresento um resumo das transcrições de um corpus de 40 entrevistas abertas ou não-estruturados, baseado em perguntas geradores de análise (falar). Neste caso, o objetivo era documentar o que eles sabiam ou como explicar o gênero e parceiros e sua relação com o sexismo. Ele parte da premissa de que o gênero não é ensinado por prescrição, mas necessariamente de uma auto-reflexão crítica tem. Se não, o conhecimento sobre o gênero não são profundas o suficiente para desafiar sistema sexo-gênero. Em todos os casos nome fictício usado.

As próprias mulheres, feministas

Na análise dos comentários por observação participante, o tropo das "questões feministas" e "homem-odiando" faz parte da estrutura simbólica. Raramente explicitamente indicado, mas tacitamente informa os processos de exclusão e ostracismo em relação às mulheres que questionam as hierarquias ou grupos de poder. Este processo é feito pela maioria dos homens e não poucas mulheres. Quanto à situação no presente texto, as autoridades, por sua vez promoveu ações simbólicas que favorecem as mulheres que são do grupo "leal" ou poder hegemônico incondicional na instituição e não o raramente enfrentam uns aos outros. Por exemplo, como uma primeira ação a certificação por INMUJERES gênero, administração, por sua vez nomeia um grupo próximo ao grupo no poder, como comissão competente para as mulheres de gênero institucionais. Na primeira reunião do comitê institucional de gênero, e ao questionamento de alguns colegas para a ausência da maioria dos estudiosos do gênero UACJ, o coordenador do comitê institucional de gênero publicamente e enfaticamente declarou: "Não As feministas querem trabalhar com eles, porque são

muito problemático ... não pode trabalhar com eles ... "(Dolores, comunicação pessoal, 6 de maio de 2011).

A estratégia de usar um grupo de mulheres e dispositivos de poder silêncio para simbolicamente "feminista" tem sido muito eficaz para os grupos de poder em todas as áreas. Nesse sentido, qualquer controvérsia ou reclamação sobre a ética, a legitimidade acadêmica ou de carreira, tornou-se metonimicamente de jure e de facto, um "problema entre as mulheres", que refere-se ao mito histórico que as mulheres não podem trabalhar juntos. Essa estratégia legitima as vozes e perspectivas feministas em muitos outros contextos.

Então eu mostrar a transcrição de entrevistas com exfuncionárias / os, onde a questão central pretende confirmar, através de vozes próximas à atual administração, o processo de silenciamento por parte da hierarquia institucional durante o período em que a pesquisa foi realizada (2008-2012). Em 2012, gestão da mudança e foi o tempo que foi possível entrevistar ex-funcionários / as. Os nomes são fictícios.

Verónica

I: (Pesquisadora): Porque você acha que o governo bloqueou nossa pesquisa sobre a cultura de gênero na faculdade?

V: Eu não sei exatamente ... mas eu acho que um problema mais sério foi, de facto oferta, como pesquisa de produto, um programa de mestrado em estudos de gênero ... para o bem, era urgente ou necessárias para o programa, os programas não acadêmicos Eles podem ser orgânicos em qualquer IES, pelo menos no México ... a sua eventual criação é aceito ou atribuído a partir de cima, e apenas os grupos que são leais à administração compete ... e menos um mestre formado pelas feministas ... era muito ingênuo Enquanto isso acho que ia fugir com ela ... o preço político será maior "(comunicação pessoal, novembro de 2012).

I: O que não é suposto para ler os projectos antes de tomar a assinatura institucional?

V: Bem, sim ... presume-se ... mas acho que não ler ... O que você oferecido como um produto?

I: Sim. Como um projeto mestre. Assim, ao nível do projecto, e não como um programa.

Veronica: Então, eu não sei ... Eu ouvi que era tão ... Você vai a figura!

John

I: Porque você acha que o governo bloqueou nossa pesquisa sobre a cultura de gênero na faculdade?

John: A ordem não apoiá-lo e ignorar o seu trabalho que vem de cima.

I: Onde?

J: Bem ... o chefe mordomia e seus meninos. O que eu ouvi é que eles não querem fazer avançar o poder das feministas do UACJ ... porque [risos] Algumas feministas não obedecem, fazer o que eles querem, eles são muito autoritário e agressivo, mas também, segundo alguns, não Você pode confiar em você eles não respeitam a lealdade de grupo (comunicação pessoal, maio de 2012).

I: O que você acha?

J: Bem, é verdade [risos] ... não obedecer, fazer o que eles querem, eles são muito autoritário e agressivo. Mas há que não são legítimos, "post" é muito diferente ... não são confiáveis porque são respononas e não deixam punho ... mas eu sei que muitos aqui na universidade ... nomas para você [risos].

Ramiro

I: Por que você acha que o governo bloqueou nossa pesquisa sobre a cultura de gênero na faculdade?

A: Bem, veja, eu não acho que você pode dizer que tão fortemente, porque certamente nenhum mal-entendido.

I: Como o quê?

A: Bem, como a decisão da administração não foi, de modo a bloquear o projeto, mas para fazer um projeto de gênero com INMUJERES para não confundir a comunidade universitária ... Eu realmente não vejo por que você e sua equipe têm para levar para o lado pessoal.

I: E por que não estamos incluídos como estudos de gênero especialistas nas ações tomadas pelo UACJ com INMUJERES?

A. Eu não sei ... que a decisão deveria ter tomado o coordenador da comissão.

I: O que você acha sobre o nosso projeto tem um financiamento CONACYT, e, portanto, os produtos e os prazos de entrega preciso, nós ainda ministrando depositado quase 8 meses depois?

A: Sim ... Claro, mas hey que problema foi devido a uma confusão no ministério de projetos ... Eu duvido que foi a administração intencional.

I: E sobre o projeto bloqueou um projeto feminista?

R: Eu não sei o que dizer, porque UACJ ... eu sei ... nunca houve feministas (comunicação pessoal, novembro de 2012).

Era evidente que o problema não era "mulheres" per se, mas "feminista" ou mulheres com voz crítica não necessariamente feministas. O temor principal é que "as feministas têm o poder"; "As mulheres podem controlá-los, não feminista." Aparentemente, um estudo a partir de uma perspectiva feminista era muito arriscado para os grupos de poder na instituição, especialmente porque as feministas entendem gênero como um sistema de opressão, não só para as mulheres mas também aos homens. A preocupação de que nosso diagnóstico evidenciaria que o gênero foi certificado, mas uma simulação, uma ação que não significa mudanças substanciais para a instituição também se manifesta. Paradoxalmente, INMUJERES contribuiu, intencionalmente ou não, no processo de silenciar do pensamento feminista em UACJ.

Visões de gênero e acadêmico

Nesta fase, ele foi convidado verbalmente e por escrito a um grupo de acadêmicos / os dos quatro institutos que compõem o UACJ campus central (Instituto de Ciências Sociais e Administração (ICSA), Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) Instituto de Arquitetura e Arte e Design (IADA) e do Instituto de Engenharia e Tecnologia (IIT). Os convites, a fim de pesquisar e políticas de privacidade explicado na utilização de pseudônimos. Os hóspedes eo acadêmico / as foram selecionados por redes de organismos acadêmicos. Tudo / os voluntariamente aceitaram participar (10 de cada escola).

Foram analisadas as transcrições de um corpus de 40 entrevistas não-estruturadas ao longo de um período de dois anos (2010-2012). Por esta altura está em processo de certificação de gênero pelo

Instituto Nacional de Mulheres em UACJ e que "gênero" está presente na imaginação da comunidade universitária. Como a unidade de análise Tomei as tropes sobre gênero / sexismo. Eu enfatizei diferenciação por sexo, mas todos os nomes são fictícios. Neste caso, apenas privilégio gerando dúvidas conversa sobre a relação entre gênero e sexismo, tais como: Como você explica isso mais altos cargos e salários mais altos são ocupados por homens? Isso significa que há (ou não) o sexismo na faculdade?

Então, de forma sumária uma análise corpus de entrevistas onde o processo retórico de construção de sentido é ilustrada, onde essas práticas sexistas / desconhecidas entrevistados, embora eles mostram um conhecimento limitado e, às vezes zero, torna-se o que o que significa gênero. Em geral, o sexo é entendida como um problema de mulheres e como um problema para homens e mulheres, mas não como uma estrutura que privilegia práticas de dominação, visões e trabalho androcêntrica. Quanto práticas sexistas, incluindo as mulheres, ou como eles dizem / entrevistados / as, "convidado ou envolvidos em posições de poder" deve ter mostrado para ser inteligente e trabalhadora ... mas também carregam uma lealdade acrítica para o grupo de homens que foram convidados a participar. Por exemplo, "Maricruz" (entrevista, Abril de 2012) afirma:

Eu não sei exatamente o que o gênero ... Acho que somos todos iguais aqui na universidade. Eu, pelo menos, eu nunca me senti discriminado por ser mulher, eu sempre respeitei ... Este ... Você está falando sobre o teto de vidro? Não ... eu não acho que isso é ... Sim, olha eu acho que o fato de que as mulheres não são convidadas ou envolvidos para estes cargos tem a ver com as relações de trabalho que promoveram com homens que procuram tais posições. Se você é uma mulher inteligente e trabalhador, você sempre vai convidar. Tem a ver com suas habilidades para fazer o trabalho, mas acima de tudo de ser político, ser diplomático, seria a palavra. Não que você não vê, não ouve e não diga ... aconteça o que acontecer.

Por sua parte, "Elizabeth" (entrevista, Novembro 2012) explica:

Sexo significa que somos todos iguais ... homens e mulheres. Sexismo na faculdade existe ... mas ... não é tão óbvia quanto antes ... sim sexismo praticado, muito mal, e sim, há uma

preferência para a escolha de homens para posições-chave de responsabilidade e salários mais altos.

Embora ela enfatiza que significa gênero "são iguais", não relacionadas com práticas sexistas. De acordo com Elizabeth, essa é a história da universidade; Eles sempre foram homens que tomam as decisões e que são homens que ocupam posições de maior salário. Isso não significa que as mulheres convidar, mas sempre posicionado na subordinação. Eles não estão incluídos na tomada de decisões, mesmo que tenham um emprego no mesmo nível de hierarquia. Ela acrescenta:

Aqui não dá Mas se os dados sexismo abertamente, mas não há como eles dizem [os homens] "não quer que eles sejam ou não querem trabalhar com as mulheres" ... tão óbvio e sem corte. Por exemplo, fui convidado várias vezes para diferentes posições e pensei que "estes se forem inclusive" ... mas em encontros e reuniões em que está decisões assumidas são feitas ... eu percebi que eles já tinham se reuniram em frente [de a universidade] para tirar acordos e reuniões sempre me "mayoriteaban" ... Nós sempre fomos duas mulheres ... só no caso as suas opiniões não são levadas em conta ... eles já têm uma idéia fixa do que eles querem para a faculdade.

Da mesma forma, "Delia" (entrevista, fevereiro de 2012) afirma:

Eu não sei se isso tem a ver com sexo, mas quando você tem tanto tempo neste ambiente você percebe que é muito difícil para as mulheres podem competir por posições, porque primeiros tais mensagens são fornecidos na amizade, não no mérito acadêmico ou por credenciais. Se, como uma mulher que você tem um amigo ou convidar amigos como você se inclina ... que você chegar ao poder, mas não deu o poder de tomada de decisão ... Ah! e se você estiver errado não é para as circunstâncias, é porque você é uma mulher ... eles estão sempre tendenciosa seus pontos de vista desta forma.

Por sua parte, "Lety" (Entrevista, Junho de 2011) argumenta:

A discriminação de gênero significa que homens e mulheres ... Olhe para mim ... um colega me diz é que as mulheres queixam-se muito quando dadas as comissões ... mas você imagina! sempre esperam que você faça o banheiro ou comidón convidar assim e perengano ... Ah! e entre todos eles ... aparentemente perdoado, porque depois que usá-lo para ser atacado politicamente ... Não, realmente acabar pensando e fazendo ... como eles. Olha, caso contrário, se há uma discussão que gritar e insultar em geral ... e, em seguida, como de costume. Mas se você faz ou diz alguma coisa para você e você respondê-las ou gritar-los, então você é louco ... ou você é uma histérica ou uma feminista.

Na mesma linha, "Grisi" (Entrevista, Junho 2012) explica:

O meu entendimento de gênero significa que todos são iguais, mas nunca acontece ... acontece algo muito estranho, muito engraçado, não, não realmente engraçado, algo como ... como chamada muito típico? ... Um pouco ofensivo. Tenho notado que, se um homem perde a paciência e trata você mal, você gritonea ou ofende, é porque você pode, porque ele tem poder. Se uma mulher fica fora de suas caixas e te trata mal, é louco ou você está acusado de ser feminista histérica. Ou dizer "você está em seus dias", se isso aconteceu comigo, mesmo talvez inconscientemente, eu também tenho assimilado e tentei desta forma: ". Vagabunda é louco e assim e assim é poder"

Para o "Peter" (entrevista, outubro de 2012):

A igualdade de gênero não existe na universidade, e você pode ver que tem aumentado de inscrição e recrutamento de mulheres para trabalhar e estudar na universidade.

O argumento do aumento da matrícula e recrutamento de mulheres, mostra que há igualdade de gênero no HEI, mas é alcançado a igualdade de gênero na academia. Parte de uma análise superficial e estatística que não podem resistir a uma mais profunda como os da Universidade Nacional Autônoma do México e na análise da Universidade de Guadalajara. Os números únicos remanescentes por sexo, mas não explicam e menos perturbem a cultura de gênero.

Quando perguntado como ele explica o sexismo na universidade, "Pedro", enfatiza o fato de que as mulheres em cargos com a tomada de decisões e os salários mais elevados, não tem nada a ver com o sexismo, mas com os grupos de poder (liderada por homens) que não confiam em mulheres (grifo nosso). ele diz:

Todos esses cargos administrativos não acontecem por acaso ... eu quero dizer decorrente de uma relação de amizade e muito forte trabalho político, o que requer muita confiança ... são alianças entre grupos e ... sim ... a maioria homens, claro, envolvendo mulheres, mas e as posições centrais nunca foram ocupados por mulheres é ... não há mais mulheres de confiança ... Eu não sei por que, mas que entre o grupo de centro existem outros compromissos ... eles ainda têm a ver com as relações fora faculdade, tais como filias partidárias.

Por sua parte, "Paul" (entrevista, Junho de 2011) reconhece que o gênero tem a ver com a discriminação contra as mulheres. Ele diz:

Sim, eles têm women-- -a razão, deve haver diferenças porque são iguais.

Como todos os / as (as) entrevistados (as) insiste que não há ou não deve haver nenhuma discriminação porque somos todos iguais. Esse tropo da suposta igualdade apaga as diferenças sócio-culturais entre homens e mulheres; diferenças nas relações de poder de gênero são baseados. Além disso, "Paul", concorda estado que não é sexismo que as mulheres não têm acesso a posições de poder, mas por causa da falta de confiança. Segundo ele:

Não, eu não acho que os homens serão exigidos apenas na hierarquia é sexismo, porque a confiança é um ponto nodal neste exclusão ... Ops! para muitos são cargos de confiança, são posições de direita confiança? e isso, porque a pirâmide pessoa vai do reitor, diretores, e então ... como se diz? ... os cargos de departamento, coordenadores certo? ... então é uma ... uma rede confiável não é ? ... o diretor lhe dará a oportunidade de ser o chefe do

departamento de ter confiança nele, pessoalmente, e este, o direito trabalho administrativo? Em seguida, ele depende de lá [acima]. Não há razão para confiar ... eu acho.

"Gerardo" (entrevista, maio de 2011), argumenta que o sexismo na universidade lá, que as mulheres estão incluídos em todos, mas deve ser apoiada por um grupo. Ele afirma:

Olha ... Eu não acho que é por sexismo que as mulheres ocupam posições a esse nível ... que foi terminado há muito tempo ... aqui na Universidade de não discriminar as mulheres ... Acho que temos muito boas relações. Bem, sim, sim não sexismo, mas dá mais pessoalmente ... há homens que são sexistas, mas nem todos são ... as coisas no sentido de que as mulheres ocupam posições de mover de forma diferente. Historicamente, aqui na Universidade de chegada em posições de liderança e da reitoria, tem sido através dos grupos ... grupos de apoio que suportam um x pessoa a chegar ao poder ... e sim também com o objectivo de chegar los para a reitoria. Bem, sim, como você diz grupos de poder ... se você não tiver um grupo para apoiá-lo [como uma mulher] para ser presidente (sic), pois nem pensamento...

No geral, este foi um padrão em todas as entrevistas analisadas. A maioria dos professores e "não reconhecer" as crenças e práticas androcêntricas como práticas sexistas e, portanto, não intencionalmente ou não relacionado com a estrutura de poder informado por sexo. De acordo com a minha análise, este aparente ignorância tem a ver com "andaimes gênero retórico" que informa e sustenta-tacitamente por naturalização do gênero não só o que é reconhecido ou desconhecido, intencionalmente ou não, mas o que ele pode ou não pode dizer em uma informados e apoiados por um espaço de cultura centrada no homem.

As mulheres entrevistadas reconhecem o sexismo, mas ainda não questionam porque eles sabem que a possibilidade de profissionalmente (economicamente) escala depende da sua "capacidade" para mover ou pertencer a grupos poderosos na Universidade. Estes grupos de poder são liderados por homens (às vezes não visível). Embora as mulheres são sempre convidados a participar, desde uma prática androcêntrica, incondicional e acrítica das mulheres que compõem esses grupos são esperados.

Em suma, as mulheres que participam desses grupos não são inocentes na sua participação aparentemente acrítico nas estruturas de poder. Eles sabem como se mover dentro da instituição, mas não parecem se opor ativamente participar dos grupos. São vozes críticas, consubstanciado nos corpos de mulheres acadêmicos, que você não os têm "confiança" para fazer parte dos grupos de poder que se movem os processos para formar as estruturas de poder no UACJ.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, mostro que a cultura de gênero em UACJ re / produzido e reforçado por homens e mulheres através das interações discursivas, informado e justificado por um gênero andaimos retórico. Embora a maioria tem um conhecimento limitado do que o conhecimento "gênero" em si é muito claro que a universidade "sexismo" é prático, mas sugere que o problema do sexismo tem a ver com um problema de mulheres.

Com isto quero dizer que o problema continua a acreditar que o sexo, por um lado tem a ver apenas com a discriminação contra as mulheres, e por outro um problema entre homens e mulheres que necessitam de alterações para pessoa ou casal. Assim, os participantes não reconhecem que re / produção discursos sexistas e práticas são uma parte ativa na formação da cultura de gênero na instituição. Esta cultura tem historicamente favoreceu ações simbólicas que reproduzem a androcêntrico como universal e, durante esse processo, visão, história, ciência, experiência e trabalho de "masculinidade hegemônica" em geral, e especificamente dos homens ou eles têm ocupado posições de poder. Isto é conseguido através da retórica de silêncio, representada pela ausência de reconhecimento de outras visões de mundo.

Portanto, a presença de mais mulheres em cargos de gestão não significa que a cultura de gênero ou androcêntrico mudou. O que significa é que a maioria das mulheres, incluindo o acadêmico, não questionam a cultura androcêntrica. Por um lado, é parte da normalização do gênero e, por outro, saber que se opõem ou questionar a política sexista serão colocados em posições de maior desvantagem, e muitas vezes estão sujeitos ao ostracismo. Não há grupos de mulheres organizadas para exigir seus direitos ou alterações.

Da minha experiência como um estudioso feminista, informado por conversas informais e entrevistas com professores outro / os / ele pode dizer que é claro, como em qualquer cultura, gênero chamado cultura institucional UACJ. Este é re / produzido e reforçado através da negociação constante ou oposição na luta, neste caso, não só para o sentido do que o gênero, mas também pelos recursos econômicos e simbólicos (inquéritos) concedidos por a administração incumbente. Neste sentido, o avanço das mudanças reais em termos qualitativos na instituição só são possíveis se ele combina com os interesses da administração incumbente, que por sua vez serve os interesses dos grupos de UACJ poder histórico. Estes grupos têm influenciado e influência tanto tacitamente e explicitamente na produção e distribuição de bens materiais e simbólicos da instituição.

Portanto, o reconhecimento das mulheres como agentes ativas depende, em primeira instância, a capacidade e habilidade por parte dos agentes envolvidos, articular, desarticular e rearticular o poder simbólico da voz e silêncio usadas como estratégias persuasivo para nós invisível. Se organizar as mulheres em grupos de poder dentro da instituição, ele é interpretado como um desrespeito pelas regras predefinidas por um sistema de gênero inteiro e escorada discursivamente com os tropos de "feministas odeiam homens." Este sistema prevê a inclusão de mulheres subordinadas, mesmo em cargos de gerência.

Quando um grupo de mulheres que não estão dispostos a ser incluídos na subordinação promove alterações, estas são sempre interpretadas como desprezo feminista, eles são reconhecidos como tal ou não. Em seguida, outros grupos ainda nodal para as mulheres-excluídos- historicamente documento, analisar e expor o abuso de linguagem, por nós e os outros, a fim de alterar ou transgredir os limites e material de -simbólicos historicamente Eles têm obscurecido o reconhecimento das mulheres como sujeitos históricos.

Como epílogo, é necessário mencionar que a crise vivida em UACJ gênero articulada com uma mudança de administração. Embora muitos da antiga administração permanecerá, o novo reitor da UACJ (2012-2018) apoiou a abertura do Mestrado em Estudos Interdisciplinares de Gênero

(2014), o primeiro pós-graduação dos estudos de gênero, no norte do país. Além disso, é a primeira pós-graduação UACJ você obter o reconhecimento PNP CONACYT por duas gerações. A pós-graduação é orgânico, nascido da luta interna de um grupo de mulheres especialistas em estudos feministas e de gênero. Portanto, uma intervenção feminista.

Bibliografía

Alcoff, L. (1992). The problem of speaking for others. *Cultural Critique*, 20 (4), 5-32.

Alcoff, L. and E. Potter (Eds.). (1993). *Feminist epistemologies*, New York: Routledge.

Austin, J.L. (1962). *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press.

Biesecker, B. (1989). "Rethinking the rhetorical situation from within the thematic of difference". In J. Lucaites, C. Condit & S. Caudill (Eds.). *Contemporary rhetorical theory* (pp. 232-246). New York: Guilford Press.

Butler, J. (1998). "Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista". *Debate Feminista*, 9 (18) 296-314.

Butler, J. (1997). *Excitable speech*. Routledge: New York.

Campbell, K. (2001). "The rhetoric of women's liberation: An oxymoron". In C. Morris III & Stephen Browne (Eds.), *Readings on the Rhetoric of Social Protest* (pp.198-211). Pennsylvania: Strata Publishing.

Condit, C. (1997). "In Praise of Eloquent Diversity: Gender and Rhetoric as Public Persuasion", *Women's Studies in Communication*, 20, 92-115.

Clair, R. (1998). *Organizing silence*. Albany: State University of New York Press.

De Vault, M. (1999). *Liberating method: feminism and social change*. Philadelphia: Temple UP.

Foss, S. (1996). *Rhetorical criticism: exploration and practice*. Prospect Hills: Waveland Press.

Foss, K. , S. Foss & C. Griffin (1999). *Feminist rhetorical theories*. Thousand Oaks: Sage.

Glenn C. (1997). *Rhetoric retold*. Carbondale & Edwardsville: Southern Illinois University Press.

Glenn, C. (2002). Silence: A rhetorical art for resisting discipline(s). *JAC*, 22, 262- 289.

Gramsci, A. (1995). *Selections from the Prison Notebooks*. New York: International Publishers.

Haraway, D. (1988). Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, (14) 575-599.

Harding, S. (1993). Rethinking standpoint epistemology. ¿What is strong objectivity? In L. Alcoff and E. Potter (Eds.) *Feminist Epistemologies* (pp. 10-35). New York: Routledge.

Hendricks, C. & K. Oliver (Eds.) (1999). *Language and liberation: Feminism, philosophy and language*. Albany: State University of New York Press.

Lazar, M. (Ed.) (2005). *Feminist critical discourse analysis. Gender, power and ideology in discourse*, New York: Palgrave Macmillan.

Munévar D. y M. Villaseñor (2005). Transversalidad de género. Una estrategia para el uso político-educativo de sus saberes. En *Revista de Estudios de Género La Ventana*, (21), pp. 44-68.

Palomar C. (2005). La política de género en la educación superior, *Revista de Estudios de Género La Ventana*, (21), pp. 7-43.

Buquet, A. et al. (2013). *Intrusas en La Universidad*. Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género. Consultado el 8/05/2013. Disponible en: http://www.academia.edu/8811934/Intrusas_en_la_universidad

Palomar C. (2011). *La Cultura Institucional de Género en la Universidad de Guadalajara, México* D.F.: ANUIES. Disponible: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/cultura-institucional-genero-universidad-guadalajara-c-g-palomar-verea/id/54599660.html Consultado el 20 de septiembre 2013.